



## **FOLHA INFORMATIVA N°03-2011**

### **AVIEIROS**

**(Texto publicado em Abril de 1998)**

**Maria Micaela Soares**

Outros artífices da pesca marítima aquém-Mondego, acorrendo na esteira do sável, apreciada e rendosa espécie piscícola, demandaram o Tejo, a partir de finais da primeira metade do século XIX. Foram os Avieiros, apodo étnico-geográfico extraído da sua localidade de origem - Praia de Vieira de Leiria -, gente de costumes bizarros e fala estranha, mas resistente e obreira<sup>173</sup>.



Em terra saloia, elegeram Sacavém como principal porto de abrigo, onde permaneceram com seus hábitos inalterados até aos dias de hoje. Também se não ignora que, ainda em 1975, alguns

se alojavam - uns em modestas habitações e, outros, em barcos - nas imediações das docas do lugar arrabaldino dos Olivais.

---

<sup>173</sup> MARIA MICAELA SOARES, *A Casa Aveira em Vila Franca de Xira*, Lisboa, 1975; ID., *A Cultura Aveira. Continuidade e Mudança*, Póvoa de Varzim, 1986; ID.; «Pesca. Avieiros», *O Trabalho e as Tradições Religiosas no Distrito de Lisboa*, Lisboa, 1991, pp. 271-277.; ID., «Avieiros», *Navegando no Tejo*, Lisboa, 1995, pp. 81-84.

Instalaram-se na margem direita da corrente, de início em barcos rejeitados para a pesca, depois, em casas de madeira construídas com tábuas verticais, assentes no areal sobre estacaria também de madeira, no intuito de embargar os danos das marés vivas e das cheias. As habitações, em paralelo com as de todas as aldeias avieiras dispersas pelas praias do Tejo, apresentavam telhado de uma ou de duas águas, com cobertura de telha ou de folha de zinco. Distribuía-se encostadas umas às outras, formando ruas estreitíssimas, com a frontaria olhando o rio. Dispunham de gracioso varandim de tabuinhas, ao qual se acedia por meio de escada de madeira de três ou quatro degraus. No interior, separadores igualmente madeirados delineavam acanhadas divisões, resguardando-se os aprestos de trabalho sob o tabuado da casa (Fig. 19) ou em rudimentares barracos também de madeira (Fig. 22).

Com o declínio da actividade piscatória, originada na ocupação das margens por empresas fabris e na insalubridade e conseqüente improdutividade das águas, a aldeia avieira de Sacavém foi-se limitando.



O enchimento da margem tornou inócua a estacaria, que foi definhando, acabando as casas por ficar rentes ao solo, a partir dos três últimos decénios.

Em 1974, estava ali implantado um renque de três habitações contíguas, de aspecto miserando, com alpendrada comunitária (Fig.20).

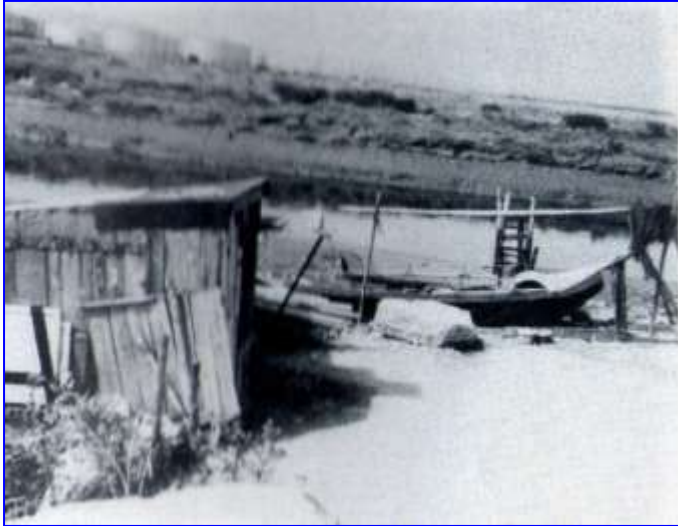
Graças à promoção de infra-estruturas mínimas e ao envolvimento económico familiar, foram



melhoradas as casas antigas e fundadas outras, então já com recintos individualizados, cercados por muros de alvenaria (Fig. 21).

Foi manifesta a constância de alguns elementos de carácter ancestral até muito tarde: a casa alcandorada sobre estacaria ao jeito dos palheiros da Praia; a embarcação de «duas bicas», assim

classificada por possuir a ré quase tão erguida como a proa (Figs. 19 e 22); o rústico



embarcadouro - denominado *cais* - elevado sobre pilares de madeira; o uso de redes de modelo antigo - *botirões*, *branqueiras*, *gainchos*, *nassas* -, o trajar feminino de saia curta, muito rodada, blusa com manga comprida e de matizes floridos, lenço garrido na cabeça, olvidado que foi o gracioso chapelinho redondo de aba

revirada, trazido da Vieira, avental de riscas, xaile de lã cruzado no peito, pés descalços e pernas sem meias ou com canos, na época invernosa; a roupagem do pescador, muito sóbria, constava de camisa axadrezada, preferentemente em tons de amarelo, calça escura de fazenda ou de ganga, boina de pala curta e pés e pernas nus. Acima de todas estas individualizações, a manutenção de um falar cheio de originalidades entre a população mais idosa.

A especialização das novas gerações em ramos laborais urbanos ou na vida agrária, a elevação dos seus níveis socioeconómicos, a urbanização do território conduziram à extinção definitiva do aglomerado humano e habitacional que imprimiu, naquela planura, um tónus rico em singularidade. As alterações ambientais recentes tornaram irreversível a continuidade de tão harmoniosa cultura no esteiro do Trancão.

**MARIA MICAELA SOARES**

Cascais, Abril de 1998

***Agradece-se a Maria Margarida Henriques a devotada colaboração.***

#### **FIGURAS:**



**19. DOCA DE SCAVÉM. Casas avieiras. Óleo de Frederico Aires (1925).**



20. SACAVÉM. *Casas Avieiras* (1974)



21. SACAVÉM. *Casa Avieira* (1982)



22. SACAVÉM. *Barco avieiro, estendal de redes e barraco para aprestos* (1974)

**FONTE DO TEXTO:** *Boletim Cultural* Nº 92, 2º Tomo, Assembleia Distrital de Lisboa. 1990/1998.

Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. Dezembro de 1998, pp. 220-222.